

Vinicius de Moraes – 0 prisioneiro

Eu cerrei brandamente a janela sobre a noite quieta
E fiquei sozinho e parado, longe de tudo.
Nenhuma percepção – talvez uma leve sensação de frio no vento
E uma vaga visão de objetos boiando no vácuo dos olhos.
Nenhum movimento – distâncias infinitas em todas as coisas
No lençol branco que era outrora o grande esquecimento
No poeta que ontem era o refúgio e a lágrima
E no misericordioso olhar de luz que sempre fora o supremo
apelo.
Nenhum caminho – nem a possibilidade de um gesto desalentado
Na angústia de não ferir o desespero do espaço imóvel.

Passariam as horas e nas horas o auge de cada instante de
sofrimento
Passariam as horas até a hora de voltar para o amor das almas
E seguir com elas até a próxima noite.
Nenhum movimento – é preciso não despertar o sono dos que
velam em espírito
É preciso esquecer que há poesia a ser colhida nas longas
estradas.
Nenhum pensamento – a mobilidade será o horror de todas as
noites
É preciso ser feliz na imobilidade.

Vinicius de Moraes, Forma e exegese e Ariana, a mulher